

O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DO MOVIMENTO MUSICAL BATEKOO ¹

Alef Jordi Tavares ²
Eloá Carvalho ³
Eloá Ribeiro ⁴
João Gabriel Campelo ⁵
Taylis Fabel ⁶
Velda Torres ⁷

RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar, panoramicamente, como as representações sociais empreendidas pelos movimentos musicais, mais especificamente pelo movimento Batekoo, têm contribuído para o empoderamento e fortalecimento da identidade da mulher negra. A discussão proposta é apoiada em artigos científicos e conteúdos midiáticos sobre a temática e em aportes teóricos de autores como Pierre Bourdieu, Jean Baudrillard, Zygmunt Bauman, entre outros. O *corpus* de análise também envolveu dados coletados na entrevista com uma das organizadoras do Movimento Batekoo e com três ativistas/frequentadoras. A partir da análise realizada foi possível constatar que, apesar de barreiras sociais que vão de encontro com os direitos humanos individuais, é inegável que a disseminação de todo e qualquer discurso de força e representatividade da identidade e cultura negra corrobora para resistência em cenários de discriminação de gênero e étnico-racial.

Palavras-chave: Batekoo. Corpo Negro Feminino. Empoderamento. Identidade. Resistência.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito é visto, muitas vezes, de modo estrutural e enraizado na sociedade brasileira, como um sistema opressor que exclui determinados segmentos sociais e concede privilégios a outros. Nessa atmosfera discriminatória vigora o racismo e o ideal de superioridade masculina, sendo concedida às mulheres negras a mais baixa posição na

¹ Trabalho apresentado no projeto interdisciplinar do primeiro semestre dos cursos de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador, concluído em maio de 2018.

² Estudante de graduação do 1º semestre do curso de Relações Públicas da UCSAL, e-mail: alef.souza@ucsal.edu.br

³ Estudante de graduação do 1º semestre do curso de Relações Públicas da UCSAL, e-mail: eloa.silva@ucsal.edu.br

⁴ Estudante de graduação do 1º semestre do curso de Relações Públicas da UCSAL, e-mail: eloa.santos@ucsal.edu.br

⁵ Estudante de graduação do 1º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UCSAL, e-mail: joao.goncalves@ucsal.edu.br

⁶ Estudante de graduação do 1º semestre do curso de Relações Públicas da UCSAL, e-mail: taylis.azevedo@ucsal.edu.br

⁷ Orientadora do artigo; Doutoranda e Mestre em Cultura e Sociedade; Docente da disciplina Fundamentos da Sociologia e Antropologia do curso de Publicidade e Propaganda; e-mail: velda.torres@pro.ucsal.br.

hierarquia social. Voltando-se para esta realidade, este artigo aborda a resistência do corpo negro e o modo como alguns movimentos musicais têm contribuído para o fortalecimento da identidade da mulher negra.

Com este propósito apresenta uma discussão panorâmica apoiada na pesquisa realizada em livros e artigos científicos sobre a história e contribuição dos movimentos musicais no processo de resistência do corpo negro, bem como sobre o modo como questões associadas à comunicação, cultura, consumo e identidade tangenciam o caráter simbólico do ativismo ligado ao empoderamento negro feminino. As abordagens têm como aporte teórico contribuições de Pierre Bourdieu, Jean Baudrillard, Zygmunt Bauman, Walter Lippmann, Guy Debord, Theodor Adorno, Stuart Hall, entre outros autores. Também são apoiadas na entrevista com a organizadora do Batekoo e três ativistas/frequentadoras do movimento, com o objetivo de compreender de que forma esse movimento musical tem contribuído com a quebra de paradigma em torno do corpo da mulher negra.

A discussão proposta é estruturada a partir de três abordagens. Inicialmente, aborda o processo de marginalização do corpo da mulher negra, a partir de uma alusão histórica acerca desse processo e do contexto social da atualidade. Nesse sentido, evidencia a persistência de ideologias e comportamentos construídos por heranças de cunho discriminatório e sexista, alicerçadas por pensamentos de superioridade de raça.

Em seguida discute as novas representações sociais e o fortalecimento da identidade da mulher negra, salientando a quebra de paradigmas estéticos através dos movimentos musicais e o modo como esses movimentos têm contribuído para a desconstrução de estereótipos negativos sobre o corpo negro e a reafirmação identitária da mulher negra. Nesse sentido, também discute o modo como a mídia, paradoxalmente, tanto fortalece estereótipos que reforçam preconceitos raciais quanto influencia e corrobora para a disseminação da equidade racial, incluindo nessa discussão a influência do cenário musical nas mobilizações sociais voltadas para a resistência e empoderamento da mulher negra.

Por fim, aborda a estética do movimento Batekoo como instrumento de resistência, analisando o caráter simbólico das experiências vivenciadas por organizadores e frequentadores dentro do processo de reafirmação de identidade.

2 O PROCESSO DE MARGINALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA

O corpo da mulher negra é marcado por um contexto histórico de extrema violência e arbitrariedade herdado do período da escravidão, no qual as mulheres negras eram

sexualmente e fisicamente violentadas pelos “seus senhores”. A história do período escravocrata negligência a violência física e simbólica vivenciada pela mulher negra, ao abordar, superficialmente, apenas questões associadas aos distintos papéis sociais desempenhados como amas de leite, domésticas, cozinheiras e concubinas (SILVA, 2010). A falta de elucidação sobre os aspectos que marcaram a história da mulher negra embasam a construção cultural sobre a invisibilidade social e marginalização dos seus corpos. Carneiro (2002, p.181) corrobora com essa discussão ao ressaltar que

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocado para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe.

Assim, continuamos a presenciar a discriminação do corpo negro, mesmo após a abolição do sistema escravista, mobilizada pelo machismo e o racismo que persistiram em comportamentos e ideologias que propagaram – e continuam a propagar – a marginalização do corpo negro feminino, subjugando-o a estética do corpo branco e propondo processos de embranquecimento como forma de inclusão social e adaptação aos padrões de beleza impostos pela sociedade.

2.1 A objetificação e padronização estética dos corpos negros femininos

Com o passar dos anos o processo de embranquecimento se tornou um meio para que os negros, sobretudo as mulheres negras, pudessem ser inseridos nos espaços majoritariamente brancos, com a proposta de uma suposta democracia racial. Entretanto, na prática, essa igualdade não existe, embora a lei áurea tenha garantido liberdade ao povo negro. No caso das mulheres, esse processo também ocorre através da associação do corpo perfeito ao corpo branco e suas características, como cabelos lisos, olhos claros, pele clara e alterações nos traços faciais, impulsionando mudanças estéticas no corpo negro feminino.

Contudo, o embranquecimento não só está relacionado aos padrões estéticos, mas também aos discursos permeados por uma linguagem voltada para a repressão da identidade, do espaço e da cultura negra; e, a mulher negra ao se submeter a esse processo tem sua construção histórica e existencial banalizada. As padronizações estéticas impostas à mulher negra, por meio dos discursos pautados numa ideologia do branqueamento, se constituíram ao longo da história como forma de violência simbólica - a qual, segundo Bourdieu (2007), é

uma violência velada que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão relacionada ao exercício do poder simbólico, definido pelo o autor como,

[...] poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de uma *«illocutionary force»*, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2007, p. 14-15).

É esse poder simbólico que coloca o corpo das mulheres negras em uma zona marginal, reforçando o sexismo e a ditadura da beleza associada ao corpo branco, influenciando a autoestima dessas mulheres. Assim, a marginalização do corpo da mulher negra envolve a ideia de objetificação e posição de servidão que lhe impõe limites nos espaços sociais e de poder. Essa objetificação implica em desconsiderar aspectos emocionais, cognitivos e psicológicos, transformando a mulher em um objeto passivo à ação do outro, retirando-a da condição de sujeito e colocando-a na condição de assujeitada às vontades do outro.

A mulher negra traz na história do seu o corpo o rótulo de objeto que deve ser usado e/ou apreciado pelo outro sob a forma de uma submissão às expectativas desse outro. Objetificação perdura nos dias atuais também associada à imposição da estética do corpo branco que tem motivado hábitos e práticas de consumo voltadas para o branqueamento do corpo negro. Ao buscar produzir a si como um corpo branco a mulher negra se envolve em um processo de comoditização do seu corpo para torná-lo desejável e aceitável dentro desses padrões estéticos. O mesmo ocorre no sentido inverso, quando a mulher negra busca romper com esses paradigmas estéticos e produzir a si para reafirmar o seu corpo negro, tornando-se instrumento de resistência e visibilidade da identidade e cultura negra.

Essa comoditização do corpo pode ser compreendida sob a perspectiva de Baudrillard (2008, p.261), associada à lógica da mercadoria, ao afirmar que “hoje não só os processos de trabalho e os produtos materiais [tornaram-se mercadorias], mas a cultura inteira, a sexualidade, as relações humanas e os próprios fantasmas e pulsões individuais”.

Corroborando com essa visão, Bauman (2008) insere os membros da sociedade como as próprias mercadorias do consumo afirmando que

[...] ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar uma mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias [...](BAUMAN, 2008, p.20).

Essa comoditização da mulher negra está implicada na visão equivocada sobre a estética e o corpo negro, fundamentada por um ideário de corpo branco, que resulta em submissões em distintos espaços sociais e, conseqüentemente, em processos de dominação por parte de uma classe dominante - aqui compreendida na perspectiva de Bourdieu (2007) como um lugar de luta pela hierarquia, gerando conflito no campo das posições sociais. Ao abordar o embate simbólico entre as classes que marcam as relações de dominação, o autor salienta que

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 2007, p.10).

A luta pela imposição de definições sociais e ideológicas associadas a supremacia do corpo branco evidenciam a violência simbólica e submissão cultural ao corpo negro. Quando se trata da mulher negra esse embate também é revelado nas relações conjugais abusivas, perdurando o sexismo e o pensamento de sexualidade exótica que serve apenas para fins de prazer, mais uma construção herdada do patriarcado envolvendo não apenas o ideário machista, mas também a supremacia do corpo branco. Esses padrões estéticos socialmente impostos têm influenciado a autoestima e identidade da mulher negra, desvalorizado sua estética e inferiorizado a sua cultura. Com o intuito de desconstruir essa ideia sobre o corpo negro feminino, surgem novas representações e movimentos sociais que lutam pelo empoderamento da mulher negra através da valorização de sua estética, contribuindo para autovalorização, resistência e aceitação da diversidade.

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DA MULHER NEGRA PROPAGADAS NOS (E PELOS) MOVIMENTOS MÚSICAIS

Ao longo da história da humanidade foram definidos padrões estéticos que consolidaram o corpo branco como um ideal de beleza feminina - uma construção orientada por hábitos, crenças, tradições e valores socioculturais responsáveis por estereótipos que continuam a disseminar preconceitos e discriminação com relação ao corpo negro em distintas esferas da vida social. Os estereótipos se constituem como “conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais porque, transmitidos de geração em geração, sem questionamentos, nos dizem como são e o que valem as coisas e os seres humanos, como devemos avaliá-los e julgá-los” e, como tais, são apropriados como uma crença socialmente construída e inquestionável, cristalizando visões de mundo que orientam o modo como a realidade objetiva e subjetiva é percebida (CHAUÍ, 1996;1997, p.116).

Ao refletir sobre esse papel orientador dos estereótipos, Lippmann (1997, p.151) ressalta que se trata de um esquema pré-definido, a partir do qual o universo social é percebido/apropriado, pois “na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos”. Desse modo, se constituem como um sistema de valores acessado e apropriado nas interações, sendo ou não desconstruídos ou ressignificados no âmbito dessas relações. Logo, conforme ressaltado pelo autor, um estereótipo nunca é neutro, sendo sempre carregado de sentidos que refletem construções sociais, assumindo um papel direcionador de comportamentos e ideologias dentro de uma dinâmica social.

Assim, as idealizações estereotipadas são apropriadas, internalizadas ou ressignificadas nos processos de socialização, passando a orientar o modo como o sujeito percebe a si e ao outro. Nesse processo de internalização dos estereótipos negativos, o corpo negro é estigmatizado, influenciando a autoestima da mulher negra e, conseqüentemente, a sua submissão a um ideário de embranquecimento que fortalece a institucionalização do racismo, tanto como causa quanto como efeito colateral de práticas discriminatórias. A partir desses estereótipos tem sido criada a imagem de corpo ideal propagada para disseminação de um padrão universal de beleza, delimitando a individualidade da mulher negra, impondo-lhe padrões e submetendo-a a uma sociedade movida por interesses de classes hegemônicas.

Essas representações construídas sobre o corpo negro refletem os dramas de hierarquização social que persistem após o dia 13 de maio de 1888, data que os cidadãos negros brasileiros passaram a ser equiparados dos pontos de vista jurídico e social. Apesar de a abolição ter buscado contribuir para essa equiparação entre brancos e negros, na prática, até

os dias de hoje, não temos visto tais benefícios, mas sim uma equidade que só ocorre com indivíduos específicos em função do capital simbólico que possuem. Vale ressaltar que, conforme afirma Bourdieu (1987), o capital simbólico não está relacionado ao poder econômico ou acúmulos de bens e riquezas, e sim a prestígio, honra e poder que identificam os indivíduos no espaço social. Assim, a escravidão desses corpos perdura na sociedade e desencadeia o processo de violência simbólica que implica na violação não só da integridade física como moral da imagem negra feminina. Conforme argumenta Bourdieu (1999, p.47),

A violência simbólica se institui por intermédio de adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto.

Dessa forma, a perspectiva patriarcal e segregacionista ainda presente na ordem social reproduz um sistema simbólico que impõe uma posição social apoiada numa lógica desigual do espaço social, interferindo diretamente na manutenção de uma dominação da massa (BOURDIEU, 2003). Nesse contexto, as relações étnico-raciais foram sendo formadas a partir de representações sociais que estruturam [e continuam a estruturar] a teia simbólica das relações cotidianas, mediando a mobilidade social que envolve os processos de inclusão e exclusão. Isso porque, conforme ressaltado por Moscovici (1978),

[...] as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e reagem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas. (MOSCOVICI, 1978, p.46)

Nesse processo simbólico, a mídia tem influenciado e corroborado para a disseminação de ideais hegemônicos que reforçam o preconceito contra o corpo negro. Mas, também, paradoxalmente, tem contribuído para a desnaturalização dos estereótipos de beleza associados apenas ao corpo branco. Sob essa perspectiva, essas rotulações estéticas apresentam-se como um reflexo midiático regido pela indústria cultural e pelos interesses da sociedade de consumo, propagando um padrão de beleza a ser seguido para aceitação social.

Para Guy Debord (2003), é ao ditar regras e padrões a serem seguidos, consciente ou inconscientemente, que se constitui o poder da mídia sobre o público. A mídia também tem exercido esse poder simbólico ao participar dos movimentos para a desnaturalização dos

estereótipos de beleza associados apenas ao corpo branco, buscando contribuir para afirmações identitárias do corpo negro. Os discursos e comportamentos envolvendo questões raciais começaram a ser postos em pauta com o propósito de propagar a pluralidade e o respeito à diversidade e exaurir um regime padronizado e excludente. Trata-se de uma mobilização apoiada pela significativa possibilidade de acesso à informação característica da sociedade contemporânea e que tem protagonizado a disseminação dessas articulações.

Para Horkheimer e Adorno (2002), a indústria cultural vende uma padronização estética e sociocultural pautada na lógica do sistema social-político da sociedade que se auto aliena, desencadeando uma submissão racional em relação a uma comunidade metamorfoseada em consumidores. Para os autores, “O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural” (2002, p.119). É evidente que cada manifestação particular da indústria cultural reproduz os homens como produto dela. Assim, a indústria cultural tem atuado, simultaneamente, na manutenção da hegemonia de mentalidades preconceituosas e na propagação de movimentos pautados na equidade étnico-racial voltados para o reconhecimento e valorização da identidade da mulher negra, combatendo a discriminação e o preconceito. Essas mobilizações sociais têm contribuído para o fortalecimento da identidade negra feminina e para romper com os estigmas associados ao corpo negro da mulher para além das questões estéticas. Por outro lado, também têm contribuído para romper com a ideologia de um corpo submisso à satisfação sexual do homem - uma construção social com origem no período colonial e que tem se perpetuado, fazendo-se presente, inclusive, na uso de termos como “da cor do pecado”, “morena cor de jambo”, entre outras expressões que associam o corpo negro a um erotismo objetificado. Termos como esses operacionalizam o poder simbólico que a linguagem exerce na propagação de estereótipos que orientam visões de mundo e representações sociais que fortalecem a cultura do racismo. Isso porque as representações sociais são construções coletivas, apropriadas individualmente pelos indivíduos em função das suas percepções sobre a realidade. Conforme ressalta Hall (1997),

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. [...] Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (HALL, 1997, p.61).

A partir da inquietação de parcela da sociedade com essas representações sociais que estimulam a cultura do racismo, começaram a emergir movimentos negros de resistência e visibilidade para a promoção da autoafirmação da identidade negra, inclusive movimentos musicais como discutiremos a seguir.

3.1 Os movimentos musicais como um dos instrumentos de resistência e visibilidade empreendidos pelo movimento negro

Os movimentos negros iniciados no período escravagista do Brasil são perpetuados até hoje, buscando a plena aceitação, respeito a cultura e herança histórica, reafirmando a importância das africanidades na criação de possibilidades de intervenção no processo de formação identitária. Isso faz com que as narrativas racistas dominantes sejam desafiadas e se construa um espaço educativo de ressonância a histórias e identidades marginalizadas. Levando em consideração esse processo histórico, desde a escravização, é possível perceber que corpo da mulher negra passou por vários processos de aprisionamento, dilaceramento, inferiorização e, até mesmo, de [des] classificação ao longo da história, sendo essa uma realidade que ainda permanece nos dias atuais, em maior ou menor grau. Nesse sentido, Carneiro (2005, p. 23) argumenta que

O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período escravista (CARNEIRO, 2005, p.23).

As mulheres negras, ao romperem com essa padronização estética imposta pela sociedade, têm seus corpos marginalizados, objetificados e suas identidades anuladas. Assim, a valorização da estética e cultura negra se constitui como forma de resistência e empoderamento diante de uma construção estética hegemônica, fundamentada por ideologias que reforçam o corpo branco como padrão de beleza na sociedade. Esse poder simbólico, exercido através dessa imposição de padrões estéticos, passa a influenciar a construção das identidades e comportamentos do ser negro, sobretudo das mulheres negras. Entretanto, é relevante ressaltar que essa ideologia de superioridade do corpo branco já vem demonstrando sinais de enfraquecimento, a partir dos movimentos sociais voltados para a quebra de paradigmas estéticos, com a proposta de combater uma mentalidade discriminatória e preconceituosa disseminada na sociedade com relação ao corpo negro.

Nesse contexto surgiram novas representações mobilizadas por movimentos negros, incluindo entre eles os movimentos musicais que buscam contribuir para o empoderamento negro feminino. Os movimentos musicais surgem associados a valorização e reconhecimento da identidade da mulher negra, inserindo a música como forma de resistência e visibilidade para consolidar novas representações sociais que contribuam para desconstrução de estereótipos marcadores do racismo e, conseqüentemente, legitimar o corpo negro também

como padrão de beleza feminino. Essas mobilizações valorizam o diálogo, o respeito a diferença, o combate a desigualdade e a discriminação e o exercício pleno da cidadania como caminhos para a construção de uma sociedade de identidades e culturas múltiplas.

Entre essas mobilizações destacamos o Batekoo, um movimento soteropolitano, criado em 2014, com a proposta de desconstrução de estereótipos sobre o corpo da mulher negra através da dança, música, liberdade corporal, da cultura negra, periférica e urbana. Tem como referência o ativismo de Martin Luther King, Malcom X e Zumbi dos Palmares. Sob essa perspectiva, é símbolo de enfrentamento no processo de desobjetificação do corpo negro feminino e dos rótulos de beleza impostos pelo ideário de uma estética do corpo branco, conforme abordaremos a seguir.

4 A ESTÉTICA DO MOVIMENTO BATEKOO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO NEGRO FEMININO

A valorização da estética e cultura negra é para o Batekoo uma forma de resistência e empoderamento diante de uma construção estética hegemônica, fundamentada por elementos sociais que reforçam o corpo branco como padrão de beleza na sociedade, exercendo um poder simbólico por meio da imposição de padrões estéticos que passam a influenciar a construção das identidades e comportamentos dos indivíduos, sobretudo das mulheres negras.

Na perspectiva do senso comum a noção de estética está relacionada a ideia de beleza física associada a cor da pele, cabelo, corpo, entre outros aspectos, adquirindo um tom de adjetivo (qualidade), o que influencia rotulações do que é bonito ou feio, aceitável e não aceitável socialmente, baseadas em um ideal de beleza propagado pela sociedade. Nesse sentido, Oliveira (2008) salienta que

Em terra de negros e miscigenados como o Brasil, o valor de uma pessoa reside naqueles que fogem a essas características; na verdade, quanto mais branca for a pele e quanto mais liso for o cabelo, mais a pessoa encontra a valorização na mídia e nos diversos anônimos que compõem a sociedade(OLIVEIRA,2008, p.24)

Em protesto a doutrinação de arquétipo da aparência e definições de beleza apoiadas na estética do corpo branco, o Batekoo propõe novas representações sociais contribuindo para a resistência e empoderamento negro feminino. Assim, tem se tornado símbolo de enfrentamento no processo de desobjetificação do corpo negro feminino e dos rótulos de beleza apoiados na estética do corpo branco. Através da música, tem se posicionado como movimento negro que proporciona aos jovens negros periféricos um espaço de representação

e afirmação da estética preta - uma ambiente livre de racismo, misoginia e LGBTfobia⁸. Esse ativismo do Batekoo para o empoderamento e resistência do corpo negro feminino será, panoramicamente, abordado a seguir, sob a perspectiva de uma organizadora do movimento e de três mulheres negras ativistas e frequentadoras desse espaço.

4.1 A estética do Batekoo como proposta de resistência e visibilidade do corpo negro sob a perspectiva dos ativistas desse movimento

Vivenciamos na contemporaneidade a cultura do empoderamento, sob as mais distintas perspectivas, incluindo mobilizações associadas às questões de gênero e étnico-raciais, com articulações que se propõem a [re]criar e consolidar novas práticas e intervenções sociais e políticas nos modos de representar a si - pautadas em discursos que buscam o rompimento e superação de estigmas sociais e raciais. O Batekoo se insere nessa realidade com a proposta de resgatar e fortalecer a cultura negra e valorizar a estética da mulher negra. Esta proposta é reconhecida por aqueles que fazem parte do movimento, como é possível constatar na fala de uma das ativistas/frequentadoras, ao afirmar que se sente representada “Nas músicas que tocam que valorizam os artistas negros, nas roupas que o público usa, no cabelo trançado, Black Power, cacheado, raspado, colorido, tudo isso é resistência. Lá você não é visto como uma pessoa exótica” (SOUSA, 2015).

Na entrevista que realizamos com uma das organizadoras e três frequentadoras do movimento Batekoo também notamos um consenso na ideia de que a estética proposta pelo movimento fortalece as questões de aceitação, liberdade, resistência e empoderamento da mulher negra, além de contribuir com o processo de desconstrução dos rótulos estéticos que fundamentam o preconceito instalado culturalmente na sociedade. Uma das organizadoras do movimento, Carolina Neves, popularmente conhecida como Tia Carol, denomina essa experiência como uma revolução estética por romper com o padrão estético proposto pela sociedade, possibilitando ao povo negro, mais especificamente a mulher negra, ser quem realmente é, assumindo a sua cultura e identidade. Complementando essa perspectiva ela ressaltou que

[...] nesse contexto a gente tem um pouquinho a mais de voz, porque querendo ou não ainda somos corpos incidentes da sociedade, mesmo estando inseridos em espaços onde a gente não é bem-vindo [...] então, a gente consegue dentro desses espaços alcançar um pouco de voz, alcançar outros lugares.

⁸ O movimento Batekoo também é voltado para questões discriminatória LGBT, mas não iremos abordar neste artigo por não fazer parte da discussão proposta.

Conforme afirmado pelas entrevistadas, as mulheres negras são encorajadas a manter a naturalidade dos seus cabelos e corpos, afirmando a identidade negra a partir dessa liberdade corporal e cultural. Isso torna os frequentadores do movimento indivíduos ativistas que constroem/reafirmam sua identidade negra a partir da interação com seus pares nesse contexto cultural - uma identidade somada a outras constituídas em outros espaços das interações cotidianas e que também contribuem para a visibilidade do corpo negro e desnaturalização dos estereótipos que motivam a cultura racista. Larissa Luísa, uma das frequentadoras entrevistadas, afirmou que o que mobiliza o interesse em participar do movimento é

[...] a liberdade de poder ser quem realmente é, vestir, dançar de todas as formas que se sentir bem, sem olhares diferentes te olhando e/ou criticando. [...] é bastante notória a mudança social, pois as pessoas se fortalecem e acreditam cada vez mais. [...] o sentimento existente é de liberdade pois, acredito que independente dos paradigmas vistos pela sociedade conseguimos transformar o nosso olhar para o outro.

Para Helena Vieira, outra frequentadora entrevistada, o importante no Batekoo é que, “não existe protagonista e sim simpatizantes, integrantes e residentes, que colaboram na construção de indivíduos para retirá-los da invisibilidade na qual foram colocados.” Essa perspectiva também é compartilhada por Nathália Salles - Miss Bahia Plus Size 2017 e frequentadora do Batekoo que também entrevistamos, ao afirmar que essa participação foi extremamente importante para a sua autoestima, por se tratar de um movimento que preza a liberdade corporal, possibilitando mulheres negras e gordas exibirem a estética dos seus corpos libertando-se de padrões estéticos impostos pela sociedade.

Essa liberdade é percebida nos eventos/festas realizadas pelo Batekoo, dando voz aos jovens periféricos em um espaço no qual podem se expressar através usar de roupas e acessórios que refletem suas personalidades, seja nas roupas curtas e coladas - independente do biotipo de corpo, deixando a vista de todos suas “curvas”, seja nos penteados e, cores dos cabelos ou nas maquiagens exóticas. Inclusive, a exaltação/valorização do cabelo afro é um dos meios desse empoderamento proposto pelo movimento, pois eleva a visibilidade da própria imagem negra e faz com que se sintam dentro do seu próprio padrão identitário.

As festas promovidas pelo Batekoo se configuram como espaços alternativos para o exercício desse empoderamento e apropriação cultural. Esse movimento estético-musical corrobora para o fortalecimento das mulheres negras, empoderando-as através da autonomia e da liberdade, em um espaço que visa extinguir reforços negativos da sociedade voltados para temas como misoginia, homofobia e racismo. Consequentemente, se apresenta como um ícone de resistência e fortalecimento da identidade negra dentro de uma sociedade que

impõem distinções no mundo social através de padrões estéticos, sexuais e comportamentais. Vale ressaltar que foi possível perceber o reconhecimento dessa proposta nas falas das entrevistadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A supervalorização estética-racial dos costumes brancos sobre os negros, ainda que de origem secular, são reafirmados pela sociedade contemporânea que se mostra culturalmente estereotipada. É perceptível que a perda da liberdade estética está explícita no momento em que as mulheres negras se adaptam aos padrões sociais das mulheres brancas, deixando de lado a naturalidade do próprio corpo. Mesmo existindo uma resistência por parte da mulher negra ela não está livre da objetificação e da perda de sua cultura e identidade, o que gera uma marginalização, aversão e falta de representatividade ao povo negro. Em resposta a essa realidade, e como forma de “sobrevivência” social, emergem os movimentos negros com a proposta de visibilidade da identidade e cultura negra em distintas esferas sociais. Nesse contexto surgem os movimentos musicais voltados para resistência e visibilidade do corpo negro, a exemplo do Batekoo que busca contribuir para o posicionamento da mulher negra também como protagonista na sociedade contemporânea em nível de igualdade com a mulher branca.

O Batekoo é o um movimento de negros para negros, contrapondo essa objetificação e uso do corpo negro feminino como produto. Nesse sentido, defende a naturalidade e a persistência cultural da resistência na estética negra como forma de reformulação de identidade e aceitação cultural, proporcionando liberdade e espaço de fala necessário para que o empoderamento dessas mulheres seja de fato atingido. Vale ressaltar que apesar de barreiras sociais que vão de encontro com os direitos humanos individuais, é evidente que a disseminação de todo e qualquer discurso de força e representatividade da identidade e cultura negra corrobora para resistência em cenários de discriminação de gênero e étnico-racial, ajudando mulheres negras a lutarem contra o que lhe é imposto socialmente, reafirmando suas identidades na sociedade. Por fim, acrescentamos que é de suma importância discutirmos essas questões, pondo-as em pauta como forma de contribuirmos para a desconstrução de ideologias discriminatórias enraizadas na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de Consumo**. 2. ed. Portugal: Edições 70, 2010.
- BAUDRILLARD, J. **Da sedução**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. - CEBRAP**. São Paulo, n. 96, p. 105-115. July 2013. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em : 20 mai. 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **NQF**, vol.24, n. 2, 2002. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_S A24_ID402_17072017210303.pdf. Acesso em: 20 mai. 2018.
- CHAUÍ, M. Senso comum e transparência. *In*: LERNER, J. (ed.). **O preconceito**. São Paulo: Editora Oficial do Estado, 1996/1997.
- DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Editora Lamparina, 2014.
- HALL, Stuart. The work of representation. *In*: _____. **Representation, Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas *In*: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LIPPMANN, W. Estereótipos. *In*: STEINBERG, C. (Org) **Meios de comunicação de massa**. SP: Cultrix, 1972.
- LINHARES, Kleiton. **O Corpo da mulher negra: A dualidade entre o prazer e o trabalho** Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2018.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, Apr. 2002. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 mai. 2018.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e educação**: estratégias para o empoderamento da mulher negra. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008-161253/pt-br.php>. Acesso em: 22 mai. 2018.

SILVA, Maria da Penha. Mulheres Negras: Sua participação histórica na sociedade escravista. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v.1, n.1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/13509/7668>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SOUZA, Laísa Gabriela. **Batekoo celebra o empoderamento em sua sétima edição**. Publicada em 06 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/batekoo-celebra-o-empoderamento-em-sua-setima-edicao/>. Acesso em: 23 mai. 2018.